



2013 OS MAIS PODEROSOS

DA ECONOMIA PORTUGUESA

5.º Pedro Passos Coelho, Primeiro-ministro

TABELA DE CRITÉRIOS

Poder da fortuna	★ ★ ★ ★ ★
Rede empresarial	★ ★ ★ ★ ★
Influência política	★ ★ ★ ★ ★
Influência mediática	★ ★ ★ ★ ★
Perenidade	★ ★ ★ ★ ★



PORQUE DESCE

Ao contrário do que projectou, 2013 ainda não vai ser o ano do crescimento. Apesar de se ter empenhado, não conseguiu um acordo para trazer o PS para o consenso em torno do período pós-troika. Perdeu dois ministros em quem depositava muita confiança – Vítor Gaspar e Miguel Relvas – e por pouco veio o Governo desfazer-se. Pelo meio, a reforma do IRC veio dar novo alento às empresas. Mas Passos Coelho continua a ter no Tribunal Constitucional a principal pedra no sapato, vetando-lhe as principais medidas.

ASCENSÃO

PEDRO PASSOS COELHO, 49 ANOS

- Nasceu em Coimbra, a 24 de Julho de 1964.
- Passou a infância em Angola, para onde se mudou com o pai, que era médico. Regressou aos dez anos, para viver em Vila Real.
- Começou a ligação à política num congresso da União dos Estudantes Comunistas.
- Entrou na JSD aos 14 anos, por causa de um campeonato de cartas.
- Foi presidente da “jota” entre 1990 e 1995, e deputado até 1999. Só depois foi para a universidade: licenciou-se com 37 anos.
- Ganhou a presidência do PSD em 2010.
- Tornou-se primeiro-ministro após pouco mais de um ano como líder da oposição.

POR FERNANDO SOBRAL, PEDRO SANTOS GUERREIRO, JOÃO MALTEZ E BRUNO SIMÃO



Bruno Simão



FUTURO SOB O SIGNO CHINÊS: CAVALO

YANG (POSITIVO):

Rápido e trabalhador. Focado no sucesso. Gosta de se sentir apoiado. Não gosta de ser limitado por regras.

YIN (NEGATIVO): Teimoso. Recusa escutar os conselhos dos outros.

“SE A OPOSIÇÃO FALASSE FRANCÊS, NOS ENTENDERÍAMOS MELHOR”, dizia nos momentos de maior tumulto parlamentar, o ex-presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso. Pedro Passos Coelho tem um problema mais vasto: não tem uma língua comum com a oposição e com o Tribunal Constitucional. E, por vezes, ele e o seu companheiro de coligação parecem falar idiomas diferentes, como se viu na “crise” que ia fazendo cair o Governo. Passos Coelho apenas se entende sem tradutor com a troika. E é por causa disso que muitas das medidas que propõe para combater a dívida e o défice esbarram em conflitos: foi a TSU, as reformas, os despedimentos de funcionários públicos, os impostos. Uma lista infindável de conflitos de linguagem que levaram também a que o seu outrora braço-direito, Miguel Relvas, tenha abandonado o barco.

CURIOSIDADE

Passos Coelho é um apreciador de música e chegou a tentar a sua sorte num “casting” para um musical “My Fair Lady”, de Filipe La Féria. Não foi aprovado, porque é barítono e o encenador procurava um tenor. Anos antes, na candidatura à Câmara da Amadora, Passos Coelho fez-se sempre acompanhar de uma banda de música. No ano passado, comentou o chumbo do corte dos subsídios de férias, pelo Constitucional, à entrada para uma peça de La Féria no Politeama.

FORÇA HERCÚLEA

FOCADO. Pedro Passos Coelho tem um rumo. E segue-o sem grandes hesitações, nem que para isso tenha de enfrentar todos os obstáculos e prescindir dos velhos apoios políticos para conseguir descobrir novos alentos para cada nova fase.

FRAQUEZA AQUILIANA

TEIMOSIA. O primeiro-ministro não abdica das suas convicções. Como mais facilidade dispensa colaboradores de velha data, como Miguel Relvas. Determinado em seguir à risca os acordos com a troika e a política de desvalorização interna. Passos não cede.

“Só há uma coisa pior do que lutar com aliados - é lutar sem eles”.

WINSTON CHURCHILL

AMIGOS



MIGUEL RELVAS
Saiu do Governo, mas a amizade mantém-se. Relvas apoiou Passos desde o início.



VASCO RATO
É amigo pessoal, participou no “think tank” de Passos Coelho, o Construir Ideias.



ÂNGELO CORREIA
Seu “padrinho” nas empresas, reabriu-lhe também as portas da política. Grande amigo.



F. BARREIRAS DUARTE
O ex-secretário de Estado e deputado e um dos seus amigos dos tempos da JSD.



MIGUEL MACEDO
Passos, Relvas e Macedo, um percurso paralelo dentro do PSD.



PEDRO REIS
O líder da AICEP coordenou o livro com propostas de grandes empresários sobre a crise.



MARIA LUÍS ALBUQUERQUE
O primeiro-ministro foi aluno de Maria Luís Albuquerque, de quem ficou amigo.



JOSÉ MARIA RICCIARDI
Presidente do BES Investimento é amigo de Passos, que apoia.

ALIADOS



EDUARDO CATROGA
Deu a cara por Passos Coelho em várias negociações e tem vindo a defender o Governo.



ANGELA MERKEL
Passos é o melhor amigo da troika, a troika é a melhor amiga de Passos. Com apoio da Alemanha.



ANÍBAL CAVACO SILVA
Com Passos na JSD surgiram os desacordos. Agora Cavaco já deu mostras de que dá apoio e tempo ao Governo.



LUÍS FILIPE MENEZES
Nunca tiveram grande ligação até ao último congresso, em que Passos o trouxe para o seu núcleo de confiança.



ANTÓNIO PIRES DE LIMA
Foi crítico de algumas políticas na área da Economia, mas Passos aceitou-o no Governo.



PAULO PORTAS
Pese embora o sai não sai, continua seu aliado político. No entanto, a aliança é fria.



DURÃO BARROSO
Passos precisa de todo o apoio da Europa, e o ex-primeiro-ministro do PSD pode ajudar.



PAULO MACEDO
É um dos ministros com melhores índices de popularidade.



CARLOS MOEDAS
Braço-direito do primeiro-ministro para as relações com a troika.



LUÍS MARQUES MENDES
Chegou a ser falado para o Governo e muitas vezes é o primeiro a pôr à prova as medidas impopulares que aí vêm.



FERNANDO RUAS
O líder dos autarcas sempre esteve próximo de Passos. Ruas foi seu mandatário por três vezes, na disputa pelo PSD.



BELMIRO DE AZEVEDO
Esteve ao lado de Passos numa acção de rua do PSD. Disse ao Público que apareceu por acaso.



ALEXANDRE SOARES DOS SANTOS
A aversão a José Sócrates aproximou-os, muito embora Soares dos Santos já tenha criticado as políticas de Passos.

INIMIGOS



ANTÓNIO JOSÉ SEGURO
Conhecem-se há muito, mas as circunstâncias levam a que seja hoje o principal adversário político de Passos.



JOSÉ PACHECO PEREIRA
Divergências são públicas, desde o tempo em que Ferreira Leite liderava e afastou Passos das listas de deputado.



MÁRIO SOARES
Soares começou por elogiar Passos Coelho, hoje é um crítico forte das suas políticas.



JOSÉ SÓCRATES
Foram ao ponto de não se voltarem a encontrar a sós, sem testemunhas por perto.



ARMÉNIO CARLOS
É o mais contundente adversário da política do Governo no meio sindical.



JOSÉ EDUARDO MARTINS
Partilharam glórias na JSD, distanciaram-se. José Eduardo Martins é dos poucos desalinhaados.

FORA DE ÓRBITA



MARCELO REBELO DE SOUSA
O comentador “dá uma no cravo outra na ferradura” quando se trata de falar do Governo.



JOÃO DUQUE
Chegou a ser seu aliado, defendendo-o, mas as políticas seguidas fizeram com que se afastasse.



MANUELA FERREIRA LEITE
Afastou-se de algum modo, amenizando o discurso crítico face ao Governo.



NUNO MORAIS SARMENTO
Nunca esteve ao seu lado e criticou-o publicamente. Tem amenizado o tom do discurso.

O ELEVADOR DO PODER

• Quem são os candidatos a entrar no “top 50” do próximo ano - e quem este ano perdeu poder.

PRÓXIMO PODEROSO



ANTERO HENRIQUES

É apontado como o sucessor de Jorge Nuno Pinto da Costa no Porto. Sim, o FCP é poder e também é poder económico.

EX - PODEROSO



ARTUR SILVA FERNANDES

Saiu da presidência do Banif - Investimento e perdeu influência. Integra um fundo de reestruturação de empresas, o Global Reach, mas está longe de ter o protagonismo de outrora.

FALSO PODEROSO



SHEIK AL JABAR

Protagonizou um “conto das arábias” em Portugal. Apareceu com grande pompa, investiu, ficou a dever, falou-se de fraude, saiu.



**2013 OS MAIS
PODEROSOS**
DA ECONOMIA PORTUGUESA

Passos, um CEO à mercê do travão Constitucional

O primeiro-ministro de Portugal tem vários poderes. Consegue influenciar os seus ministros, consegue persuadir a sociedade através das suas intervenções, consegue persuadir o poder económico. Em linguagem empresarial, é um CEO: manda mais que o Presidente da República (que assume as funções de 'chairman'), mas hoje em dia, a troika, por um lado, e as decisões do Tribunal Constitucional têm-lhe

enfraquecido a capacidade de moldar o País às suas próprias convicções. O Governo, de coligação, também retira força a Passos Coelho, em comparação com chefes de Governo com maiorias parlamentares de um só partido.

Alguma vez se questionou sobre quais são os poderes efectivos de um primeiro-ministro em Portugal? O Negócios foi fazer esse exercício junto de comentadores, especialis-

tase ex-governantes. Actualmente, o primeiro-ministro está refém de vários condicionalismos. "Se tiver uma maioria absoluta e uma coligação de um só partido, o primeiro-ministro é o centro do poder em Portugal", explica Marcelo Rebelo de Sousa, ex-presidente do PSD. "Mas se a coligação trema, como tremeu, o peso não é tão grande como se fosse primeiro-ministro de uma maioria de um só partido",

como o primeiro mandato de Sócrates, "ou de uma coligação em que ele mande, como Sá Carneiro".

A somar a isto, há o "memorandum de entendimento, e a situação de protectorado". "Uma boa parte das decisões são tomadas de fora, por Bruxelas [Comissão Europeia], Frankfurt [BCE] e Washington [FMI]", lembra Marcelo Rebelo de Sousa. Isso "condiciona o peso do primeiro-ministro. Continua a ter,

mas tem menos", resume. Ainda assim, dentro de portas, "é o político que tem mais peso". Marques Mendes, que também já foi presidente do PSD, considera que o primeiro-ministro "tem um poder muito grande, especialmente num regime como o nosso, com pendor mais parlamentar do que presidencial".

Merkel manda mais? Sim e não
Com o exterior a retirar poder de



Miguel Baltazar

Apesar de todas as condicionantes, (...) o primeiro-ministro tem um raio de acção maior que o do PR.

MARCELO REBELO DE SOUSA
Comentador e ex-presidente do PSD



Miguel Baltazar

No momento em que intervém em público, só com o poder da palavra, tem mais poder do que qualquer outro órgão político.

LUÍS MARQUES MENDES
Comentador e ex-presidente do PSD

OS PODERES DO PRIMEIRO-MINISTRO

Quem é mais poderoso: o primeiro-ministro ou o Presidente?

Ainda que, na prática, o Presidente da República possa vetar as iniciativas do Governo, esse é um poder-travão que pode ser contornado com uma maioria parlamentar. Por isso, para Marcelo Rebelo de Sousa, o primeiro-ministro é o político mais influente do País. "Dentro dos protagonistas

internos, acaba por ser aquele que tem maior peso", sintetiza o comentador. António Costa Pinto partilha da mesma opinião: "No sistema político português, o poder do primeiro-ministro é maior e mais mobilizador que o do Presidente". O poder executivo torna o primeiro-ministro mais influente.

O primeiro-ministro tem mais influência na economia do que Angela Merkel?

É possível defender que sim e que não. Em termos de política europeia - como se viu recentemente na questão do orçamento europeu - "não há comparação possível", concede Marques Mendes. Além disso, explica um ex-governante, a chanceler alemã consegue influenciar a presença do

investimento alemão em Portugal. Por outro lado, as decisões específicas sobre o rumo do País continuam a pertencer a Passos Coelho. "Na microdecisão, o poder é do primeiro-ministro. A chanceler nunca vai dizer como é que se reforma o Estado", acrescenta Marques Mendes.

O primeiro-ministro português é, em condições normais, a pessoa mais poderosa do País – mais ainda do que o Presidente. Mas estas não são condições normais. E nos dias de hoje, o chefe do Governo arrisca-se a ser travado sucessivamente pelo Constitucional. E um CEO com menos poder do que Sócrates em 2005

BRUNO SIMÕES

brunosimoes@negocios.pt

decisão ao primeiro-ministro, é legítimo perguntar se a chanceler alemã tem ou não mais influência na economia portuguesa. Um ex-governante de Passos Coelho, que não se quer identificar, lembra que Merkel pode “influenciar, do ponto de vista da produção industrial, a presença de empresas alemãs em Portugal”.

Marques Mendes, por outro lado, entende que, ainda que An-

gela Merkel tenha “mais capacidade de influenciar”, a nível macro (na Europa), ele fica por aí. “Na micro-decisão, o poder é do primeiro-ministro. A chanceler nunca vai dizer como é que se reforma o Estado ou como se põe a Justiça a funcionar em Portugal”, exemplifica. Além disso, “os empresários alemães são mais desprendidos do poder do que os portugueses”. “O poder económico anda excessiva-

mente dependente do poder político”, lamenta.

Problema Constitucional

Fruto da intervenção da troika, o Governo tem ido muitas vezes ao Tribunal Constitucional (TC). E não por vontade própria. O TC “não disputa o poder, mas tem uma intervenção que condiciona” mais do que o habitual, observa Marcelo Rebelo de Sousa. Isso acontece

“por causa da situação de crise”. “Tal como o Presidente da República, o TC é um travão, que ganhou maior peso por causa das medidas que têm sido levadas ao seu conhecimento”, descreve o comentador.

Por outro lado, o actual primeiro-ministro tem “um controlo bastante significativo sobre o seu partido”, nota o politólogo António Costa Pinto. “Difícilmente se vê uma revolta do grupo parlamentar”.



Sérgio Lemos/Correio da Manhã

Tem um controlo bastante significativo sobre o seu partido (...) e o monopólio integral de controlo político do Governo.

ANTÓNIO COSTA PINTO

Politólogo e professor no Instituto de Ciências Sociais



Miguel Baltazar

O primeiro-ministro tem o poder de dizer ao ministro das Finanças para considerar uma redução de impostos.

PAULO JÚLIO

Ex-secretário de Estado

CLASSIFICAÇÃO 2013

1.º	
2.º	
3.º	
4.º	
5.º	Pedro Passos Coelho Desce 2 posições
6.º	Isabel dos Santos Sobre 3 posições
7.º	A. Soares dos Santos Sobre 1 posição
8.º	Américo Amorim Desce 3 posições
9.º	José Eduardo dos Santos Desce 2 posições
10.º	Pinto Balsemão Sobre 3 posições
11.º	Pedro Queiroz Pereira Desce 1 posição
12.º	Zeinal Bava Sobre 2 posições
13.º	Belmiro de Azevedo Desce 1 posição
14.º	Artur Santos Silva Sobre 1 posição
15.º	Vasco de Mello Desce 4 posições
16.º	António Mexia Sobre 2 posições
17.º	Carlos Costa Sobre 6 posições
18.º	Pronça de Carvalho Desce 1 posição
19.º	Maria Luís Albuquerque Nova entrada
20.º	Henrique Granadeiro Mantém lugar
21.º	Paulo Azevedo Sobre 12 posições
22.º	Nuno Amado Desce 4 posições
23.º	José Maria Riccardi Desce 7 posições
24.º	Paulo Fernandes Mantém o lugar
25.º	Fernando Ulrich Desce 3 posições
26.º	António Pires de Lima Nova entrada
27.º	António Cavaco Silva Sobre 1 posição
28.º	António Lobo Xavier Sobre 7 posições
29.º	António Mota Mantém lugar
30.º	Dionísio Pestana Nova entrada
31.º	José Silva Peneda Nova entrada
32.º	Pedro Soares dos Santos Nova entrada
33.º	Christine Lagarde Desce 7 posições
34.º	António José Seguro Nova entrada
35.º	J. de Sousa Ribeiro Nova entrada
36.º	Dilma Rousseff Desce 9 posições
37.º	António Melo Pires Nova entrada
38.º	António Horta Osório Sobre 1 posição
39.º	Eduardo Catroga Desce 1 posição
40.º	General Kopelipa Mantém lugar
41.º	José Luís Arnaud Nova entrada
42.º	M. Ferreira de Oliveira Mantém lugar
43.º	Paulo Macedo Mantém lugar
44.º	Carlos Tavares Sobre 3 lugares
45.º	Arménio Carlos Mantém lugar
46.º	Carlos Silva Nova entrada
47.º	Ángelo Correia Cai 15 lugares
48.º	Carlos Alexandre Nova entrada
49.º	Luís Filipe Vieira Nova entrada
50.º	Carlos Rodrigues Nova entrada

E o Parlamento, pode ser influenciado pelo primeiro-ministro?

Sim. De acordo com António Costa Pinto, politólogo e docente universitário no ICS, “tem havido, desde Cavaco Silva [1985], uma tendência para a governamentalização”. Isto é, “o PS e o PSD são partidos que, no fundo, são subordinados ao primeiro-ministro”. Por isso, apesar de, em

teoria, os deputados serem independentes do Governo, isso não acontece na prática, argumenta Costa Pinto. “No caso português, dificilmente se vê uma revolta do grupo parlamentar, ou críticas ao Governo”, exemplifica. O “PM” tem, assim, um “controlo bastante significativo” sobre o partido.

E a banca, é mesmo tão poderosa como se pensa?

A banca continua a ter a decisão final sobre se cria linhas de investimento de apoio às empresas – apesar dos apelos do Executivo. Porém, nota um ex-governante, o poder da banca está agora mais enfraquecido, por causa das fragilidades de diversos bancos, que tiveram de recorrer a

empréstimos do fundo de recapitalização da banca. Esse resgate reduziu a independência dos bancos, porque o Estado passa a ser accionista. De qualquer forma, a banca é um sector que tem sempre um poder assinalável, como se viu no pedido de resgate em 2011.